

# **Quebec: memória e celebração dos 400 anos<sup>1</sup>**

## **Quebec: memory and 400 years celebration**

Vanessa Massoni da Rocha (UFF/Liceu Molière/Colégio São Bento/  
UERJ)

*Recebido 30, jul. 2011 / Aprovado 28, set. 2011*

Em uma época onde vencer o mar era o grande sonho dos exploradores, aqueles que tiveram a coragem de ir de encontro ao desconhecido transformaram a história das civilizações. Graças ao desenvolvimento do transporte marítimo, os navegadores europeus abriram as portas do Novo Mundo. Neste sentido, a América acenou com promessas de riquezas e coincidiu com o sonho de fertilidade dos projetos marítimos ligados à descoberta de novos caminhos na busca de especiarias.

Dominada pelos portugueses, a travessia do oceano logo fascinou franceses em busca da realização de conquistas. O rei francês Francisco I não demorou a incentivar Jacques Cartier em sua primeira viagem ao desconhecido, viagem esta, devidamente abençoada pelo papa. Assim, o primeiro francês se lança ao Atlântico para aumentar as posses reais e para impor a bandeira francesa na história das navegações e das descobertas.

Ao longo de três grandes expedições ao novo território, Cartier conheceu os povos ameríndios e todo o tipo de especificidade de uma cultura indígena desconhecida até então, cultura intimamente ligada à caça e às trocas de peles de animais. Daí em diante estes grandes espaços de terra na América do Norte foram transformados pelos exploradores em uma colônia chamada de Nova-França.

Se Jacques Cartier nos deixa uma imagem de grande navegador, é Samuel de Champlain que se torna o pai da Nova-França por causa de seu trabalho de organização da caça e de seus produtos finais e, principalmente, pela fundação da cidade do Quebec. A origem deste nome continua imprecisa, sendo duas as versões mais conhecidas: Kebec “onde o rio se torna mais estreito” na língua ameríndia Huron ou Képak, palavra do povo montanhês que significa “desembarquem!”.

De fato, 3 de julho de 1608 se torna uma data muito representativa em todo o país, pois marca a fundação da cidade do Quebec, e lança as bases para a fundação do Canadá, que acontece efetivamente em 1867

com a assinatura da Confederação do Canadá. Não é por acaso, então, o ditado segundo o qual cada canadense carrega consigo duas cidades, a sua e Quebec. Desta maneira, o Canadá nasce através da língua francesa e da religião católica que acompanharam os pioneiros em seu encontro com o outro neste imenso território a descobrir.

Muito rapidamente as particularidades locais se impõem. Além dos povos autóctones entre os quais os iroqueses representam uma força guerreira importante, os navegadores recém-chegados descobrem a força do rio São Lourenço, dos ventos, da neve e do inverno. É a paisagem que se torna naturalmente de inspiração artística no Quebec. O poeta Gilles Vigneault define seu país pelos versos “Mon pays ce n’est pas un pays c’est l’hiver”, « mon jardin ce n’est pas un jardin c’est la plaine » e « mon chemin ce n’est pas un chemin c’est la neige ». Anne Hébert, por sua vez, se dedica a revisitar a paisagem de Quebec no romance *Premier jardin*. Émile Nelligan nos convida a uma “Noite de inverno” na qual “Ah! Comme la neige a neigé”. Pauline Julien canta “As pessoas do meu país” de Vigneault na qual “il est question de vents”. Claude Léveillée confessa que “mon pays c’est grand à se taire”, “c’est froid, c’est seul”. Finalmente, Jacques Poulin, entre outros, canta a paixão pelos grandes espaços e pela viagem no romance *Volkswagen Blues*, no qual Quebec se torna a terra mãe dos personagens em trânsito. As numerosas produções do Quebec falam por si só e provam que Lord Durham estava enganado ao afirmar que o povo do Baixo-Canadá não tinha nem história nem literatura.

De 1608 até hoje quatrocentos anos de profundas mudanças se impuseram. Personagens como Jean Talon, Etienne Brûlé, Jean Nicolle e Robert Nelson contribuíram, cada um de sua maneira e na sua época, para a formação e o desenvolvimento da província do Quebec. As epidemias, as guerras, as rebeliões e a fome também souberam deixar suas marcas na história do povo. Da caça e da exploração da madeira às indústrias de uma metrópole moderna muitos anos de trabalho contínuo se sucederam. Colônia francesa, colônia inglesa, território dividido em Alto e Baixo-Canadá e em seguida reunificado. Território francês, britânico, canadense-francês e, finalmente, quebequense, o território também vivenciou intensas transformações políticas e econômicas. Em suma, como diz a música tema oficial dos quatrocentos anos, há “tant d’histoires à raconter” entre os pioneiros, os “coureurs de bois”, os habitantes e as gerações

da *revanche des berceaux* e da Revolução Tranquãila, que é difícil não se esquecer de algumas delas. F3rmula criada a partir deste contexto, o lema do Qu3ebec evoca a necessidade da lembran3a: “je me souviens” parece chamar a aten33o para as etapas da forma33o cultural e identit3ria quebequense.

Para um novo pa3s, uma nova cultura. S3mbolo incontorn3vel e importante elo com a p3tria natal, a l3ngua francesa se enriquece e se transforma no contato com os americanos, os brit3nicos, os amer3ndios e os muitos imigrantes vindos de todo o mundo. Regi3o de bra3os abertos, Quebec acolhe calorosamente imigrantes e escritores migrantes, como Ying Chen, Marco Micone e Sergio Kokis que deixaram seus pa3ses de origem – a China, a It3lia e o Brasil, respectivamente, e adotaram o Quebec como na33o do presente e do futuro. Deste modo, a l3ngua francesa se apresenta como instrumento de produ33o e de reflex3o sobre a alteridade e a mov3ncia de pessoas e ideias desde o passado at3 a contemporaneidade. L3ngua livre percorrendo as plan3cies, os grandes horizontes, os espa3os cobertos de branco e envolvidos pelo frio, o franc3s se deixa ninar pelo inverno e se inscreve no imagin3rio da na33o quebequense. Neste ano diversos concursos, espet3culos, exposi33es e manifesta33es se anunciam e d3o o tom de uma vibrante celebra33o do anivers3rio da cidade de Quebec. Todo um ano festivo para comemorar a hist3ria e a mem3ria de um povo. Todo um ano para homenagear os personagens de ontem e de hoje que contribuíram para a empreitada quebequense. Todo um ano para festejar a francofonia na Am3rica e no mundo. Todo um ano para se voltar para o passado e lembrar um percurso que anuncia um presente e um futuro de consolida33o da cultura do Quebec, cultura escrita e reinventada na vida cotidiana pelo povo. Uma festa que n3o se pode perder. Uma festa que nem eu gostaria de perder.

## Nota

- <sup>1</sup> O presente texto foi o vencedor do *Concurso cultural: Quebec 400 anos*, organizado pela Embaixada do Canad3, com o apoio da Federa33o brasileira dos professores de franc3s e do Centro de educa33o canadense. Os candidatos, professores de franc3s, dissertaram sobre o tema: “O encontro de culturas e a presen3a franc3fona nas Am3ricas, podendo discorrer sobre elementos hist3ricos da coloniza33o do Qu3ebec e eventos de relev3ncia organizados por ocasi3o do quadricent3simo anivers3rio.”